

Jesus o Homem

Alcione Moreno



CPDoc

Centro de Pesquisa e
Documentação Espírita

Índice

Introdução	1
A formação do Povo Hebreu	3
Na Época de Jesus	14
Economia	14
Os Impostos	16
Os Excluídos	16
O Poder	17
Israel - Religioso - através do Sinédrio	19
Roma - Político	19
Os Partidos	20
A Vida de Jesus	24
Nascimento	25
A Época	26
O Local	27
A Educação de Jesus	28
Da Adolescência ao início da Vida Pública	30
Vida Pública	32
Condenação e Morte	32
Corpo de Jesus após a crucificação	34
Conclusão	35
Na Infância Espírita	36
Referências Bibliográficas	38

Introdução

Há algum tempo, preparando uma aula para a Infância Espírita, tinha que abordar o tema sobre Jesus, sua vida e seus ensinamentos. Ao coletar os dados, percebi que a maioria das bibliografias que eu conhecia, contava a vida de um Jesus deificado, místico, anunciado por anjo, cujo nascimento estava envolto por estrela cadente, reis magos, etc.

Achei a história muito mágica e, se eu não estava acreditando, muito menos as crianças, que são extremamente perspicazes e objetivas. Decidi pesquisar outras fontes e percebi, que a vida de Jesus até hoje, está perpassada por um grande misticismo e, por vezes, difícil de se chegar a conclusões.

Faltam dados históricos aos quais não se tem acesso; ou porque existem aproximadamente 60.000 obras a respeito de Jesus (e eu não tenho a pretensão de ler todas), ou porque são fatos que ainda os arqueólogos, antropólogos, historiadores tentam descobrir.

Há ainda uma forte tradição da Igreja Católica em alimentar estes mitos, dificultando o acesso de estudiosos às escrituras ditas sagradas, mas onde teríamos maiores informações e completaríamos este quebra cabeça sobre a vida de Jesus.

Jesus, um homem de corpo e alma, judeu, concebido pelas vias naturais, de uma mulher casada, sem Reis Magos, sem estrela da Anunciação. Ele teve irmãos, não nasceu em 25 de dezembro, estudou e viajou muito, não foi condenado por Pilatos. Um homem que teve um pensamento ávido, inteligente, que influenciou e influencia várias gerações do ocidente.

Ao comentar com as crianças sobre a vida de Jesus, percebi que me faltava um suporte teórico sobre a história de Israel e de seu povo, para entender melhor seus procedimentos, seus ensinamentos, enfim, reportar-me àquela época.

A história do povo hebreu inicia-se na Bíblia e muitas pessoas têm dificuldades em ler este livro, por isso faço um resumo do início da formação do povo hebreu, que a meu ver é interessante para uma contextualização até a época de Jesus, na tentativa de facilitar o entendimento das condições humanas da época.

É um assunto fascinante, pois de certa forma ao desvendar alguns mistérios da vida de Jesus, descobrimos o “pensar e agir” de uma geração e sua influência até os dias de hoje.

Não serão levantados os aspectos morais da vida de Jesus. Creio que o Evangelho segundo o Espiritismo já nos dá uma base e meu intuito é o de tentar entender o aspecto biográfico da vida de Jesus.

Apesar de ter lido muitos livros a respeito, os leitores do trabalho perceberão que há livros de ficção, como a coleção – Cavalo de Tróia – de Benitez, o Homem que se tornou Deus de Messadiè; muitos esotéricos e, por vezes, tendenciosos, como os de Rohden, Schuré, Pastorino; livros católicos, como o da Ação Católica Operária, Drane; trabalhos de protestantes, onde tirei muitas gravuras; enciclopédias de conhecimento abrangente; de obras espíritas como as de Herculano Pires; livros de historiadores, como os de Crossan, Laperrouzaz, enfim a tentativa é de um resumo de conhecimentos, para entendermos Jesus, o Homem.

Como foi muito proveitoso este trabalho para mim, pensei que poderia ser útil a outras pessoas, não só as que trabalham com crianças e jovens, mas outras que poderão entender Jesus, não como um ser intocável, um Deus, um mito, mas como homem genial que o foi.

Todos somos instigados a saber mais sobre esta intrigante personagem de nossa história, face à sua influência em nossa cultura. Lanço aqui o desafio para que, juntos, possamos cada vez mais conhecer a sua biografia, de uma forma mais condizente com a nossa razão.

Convido todos a desvendarmos estes mistérios esperando que minha contribuição seja estímulo para a continuidade de estudos neste tema.

A Formação do Povo Hebreu

A pesquisa da formação do povo hebreu, por mais vasta que seja, sempre nos reportará à **Bíblia**. É neste livro que encontraremos a origem desta civilização.

O termo “Bíblia” – vem do grego e significa Livro.

A Bíblia é dividida em duas partes: O Velho Testamento (onde se conhece as origens dos judeus e se tem idéia de seus costumes) e o Novo Testamento (onde se relata a vida e os ensinamentos de Jesus) ⁽³⁾

Os judeus levam em consideração apenas o Velho Testamento, pois no Judaísmo (a religião dos judeus) há a espera de um Messias, enviado por Deus (Yavé), que libertará seu povo do jugo dos poderosos, não considerando Jesus como um, visto que ele nos ensinou uma libertação da alma e não uma libertação do poder do mundo.

O Velho Testamento é dividido em 46 livros, sendo os 5 primeiros os mais importantes, oriundos de Moisés, também chamado de “**Pentateuco**”, que são:

1º livro de Moisés - **Gênesis**

2º livro de Moisés - **Êxodo**

3º livro de Moisés - **Levítico**

4º livro de Moisés - **Números**

5º livro de Moisés - **Deuterônimo**

Gênesis – Descreve a criação do mundo até a morte de José, um dos filhos de Jacó, patriarca do Judaísmo.

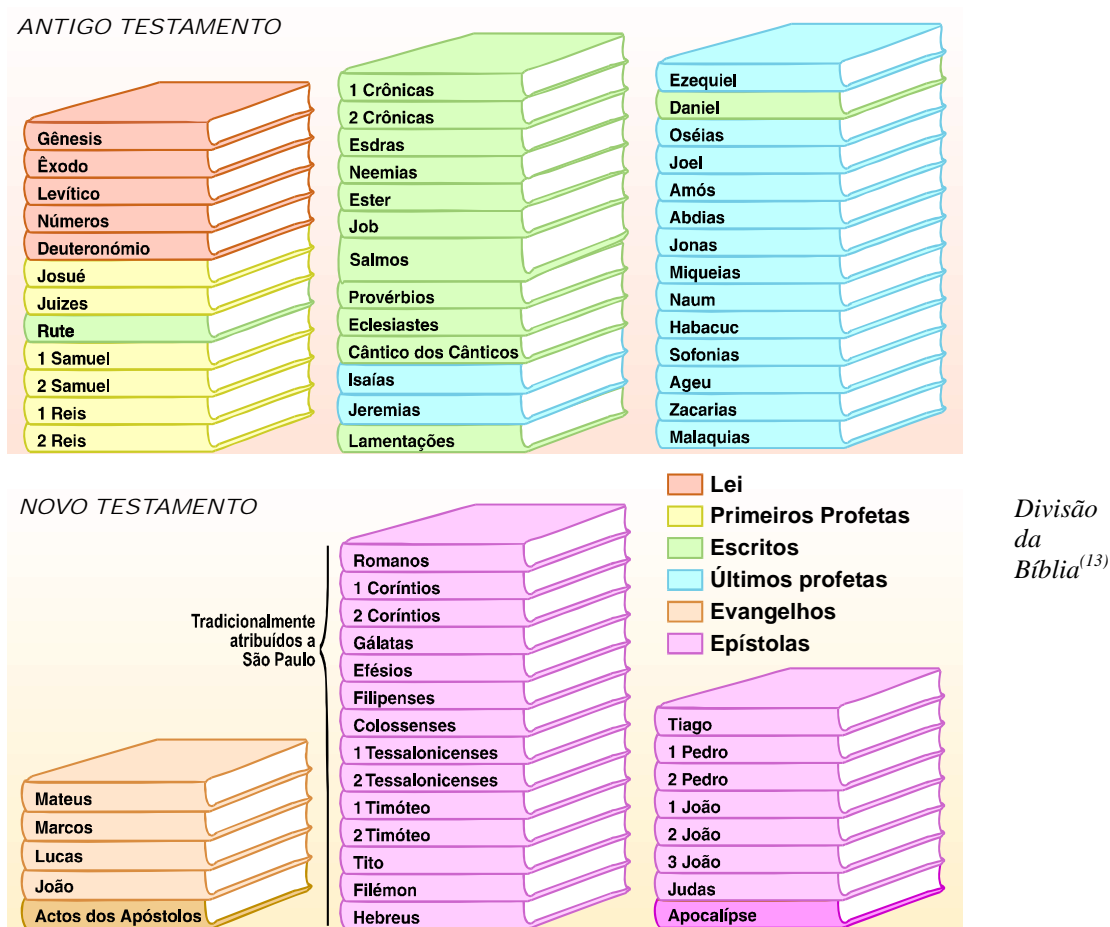
Êxodo – Inicia na descrição dos descendentes de Jacó, no Egito. Descreve Moisés, sua vida e sua obra até a saída do povo judeu.

Levítico – São descritas as leis judaicas.

Números – “Deus manda Moisés levantar censo de Israel” – São descritos censos e a divisão de terras do povo judeu.

Deuterônimo – Há os discursos de Moisés, leis e as “Obediências” do povo judeu. Até a morte de Moisés.

Os outros são divididos de acordo com a figura abaixo:



A Gênese bíblica conta a criação do mundo em sete dias, que se conclui com a do homem, a perdição do primeiro casal humano e sua conseqüente expulsão do paraíso terrestre, a dispersão dos primeiros homens, a descendência de Adão pelo ramo de Set até o dilúvio e o castigo da humanidade culpada.

Após o dilúvio, os antepassados do povo hebreu viveram como nômades, a maioria criando carneiros e cabras. Nesta época os dois grandes centros de civilização do Oriente Médio localizavam-se no Egito e na Mesopotâmia. Entre eles situavam-se o mar Morto e a estreita terra da Palestina, que formava a única rota viável para exércitos, o comércio, e os povos pastores nômades.

Um destes pastores se chamava Terádi, descendente de Heber, partiu da Caldéia e foi com seu filho Abrão se estabelecer na região de Harã, na alta Mesopotamia.



Bodes pastando nas encostas no tempo de Abrão⁽³⁰⁾

“Deus escolheu Abrão para ser “pai” de um povo privilegiado”. Abrão saiu de Harã para Canaã, onde se fixou.⁽³⁾ (vide mapa).



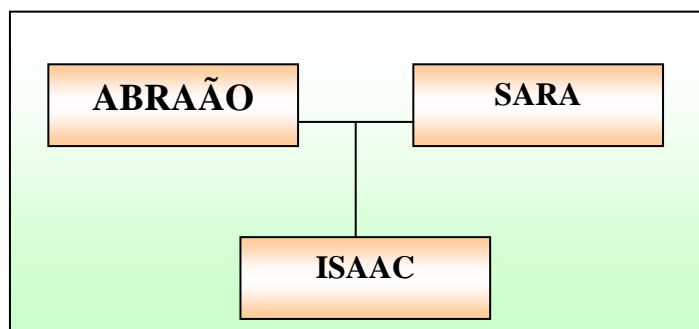
Mapa Crescente Fértil⁽³⁰⁾

E o “senhor” disse a Abrão: Sai de tua terra e vem para a terra que eu lhes mostrar, e eu farei de ti um grande povo e te abençoarei. Ao se fixar em Canaã, Deus mudou seu nome para Abraão e de sua esposa Sarai para Sara. E o sinal de aliança entre Deus e Abraão foi a circuncisão. *Esta união é ritualizada até os dias de hoje nos judeus, e em algumas seitas cristãs é simbolizada através das alianças que unem o casal perante Deus e perante à Sociedade.*

Os hebreus foram o primeiro povo a afirmar sua fé em um único deus (monoteísmo), enquanto os outros povos da Antigüidade permaneceram politeístas. E adoraram um deus sem forma, que não podia ser representado através de imagens; ao contrário dos deuses das demais civilizações que eram representados em pinturas e estátuas, na forma humana, animal ou mesmo mista.

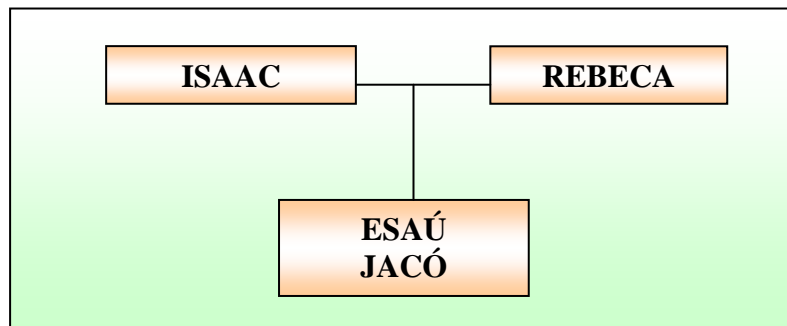
Disse Sara a Abrãao: Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz filhos, toma, pois, a minha serva, Hagar que era egípcia e toma-a como mulher. Abraão seguiu os conselhos de sua esposa Sara e teve com Hagar um filho Ismael.⁽³⁾

Certa ocasião, Abraão ouviu novamente a voz que lhe prometia um filho de Sara. Ficou admirado, pois já estavam idosos. Mas a voz insistia: “*Olhe o céu e veja se és capaz de contar as estrelas, pois assim será a sua descendência*”. Então Abraão e Sara tiveram seu filho Isaac.⁽³⁾



Infelizmente após Sara ter seu próprio filho, ela ficou muito enciumada de Ismael, não tolerando mais sua presença junto com sua mãe Hagar e a expulsou de suas terras. Hagar e Ismael juram vingança e de suas tribos tem origem alguns árabes. As lutas de judeus e árabes vêm desde estas datas.

Isaac casou-se com Rebeca e tiveram gêmeos: Esaú e Jacó – cujo nome foi mudado para Israel e sua descendência seriam os israelitas. (os Filhos de Israel).



Jacó teve doze filhos, entre eles José, que foi vendido para o Egito, posteriormente sendo importante na história de Israel, pois através de interpretações de sonhos conseguiu ter acesso ao faraó e sua reputação ser importante ao povo israelense.

Os doze filhos de Jacó iniciaram as doze tribos de Israel.



Abraão, Isaac e Jacó são considerados os Patriarcas do Judaísmo.

Após a morte de José, o que interpretava sonhos, por muitos anos os hebreus foram escravizados pelos Egípcios, até que **Moisés** surge para a libertação de seu povo. A vida de Moisés é uma história conhecida, mas gostaria de relatar que, após o decreto de matança de todo primogênito judeu pelo faraó, sua mãe o coloca em uma cestinha e ele é encontrado pela filha do faraó que cuidará dele daí para a frente.

Apenas será relatado este trecho da história, pois no nascimento de Jesus ocorrerá a descrição do mesmo fato, a morte do primogênito, por Herodes.

Moisés retira os judeus do Egito e durante quarenta anos o povo vagou pelo deserto até a Terra Prometida, que novamente será Canã⁽³⁾.

Esta saída dos hebreus do cativeiro egípcio é chamada de **Êxodo**.

Moisés não conseguiu encontrar Canaã; é Josué, seu amigo, que comanda o povo nesta conquista. O povo vagou quarenta anos pelo deserto, renovando sua descendência de maneira cíclica, de geração a geração, seguindo os “**Dez Mandamentos**”, registrados nas **Tábuas Sagradas** por Moisés⁽³¹⁾.



Josué não conseguiu conquistar toda a Palestina, mas ocupou a Transjordânia, cujas terras foram distribuídas entre as tribos israelenses.

A primeira fase do estabelecimento dos israelitas em Canaã é conhecida como a “Época dos Juizes”. Não havendo unidade entre as tribos, nem um exército regular, os juizes eram os chefes militares, com poderes restritos a pequenas partes do povo.

A autoridade dos juizes não se baseava em títulos hereditários, mas em um chamado especial de Deus. “Cada um fazia o que lhe parecia bom...” – por isso, a época dos juizes foi uma das mais agitadas da história de Israel⁽¹²⁾.

Foi durante o século XI a.C. que surgiu a figura de Samuel, o último juiz de Israel, o qual preparou o caminho para o estabelecimento do futuro rei, unindo as tribos de todo o país.

“O povo manifestou o desejo de ter um rei que o julgasse, como tinham todas as nações. Esse rei seria Saul⁽³⁾.”

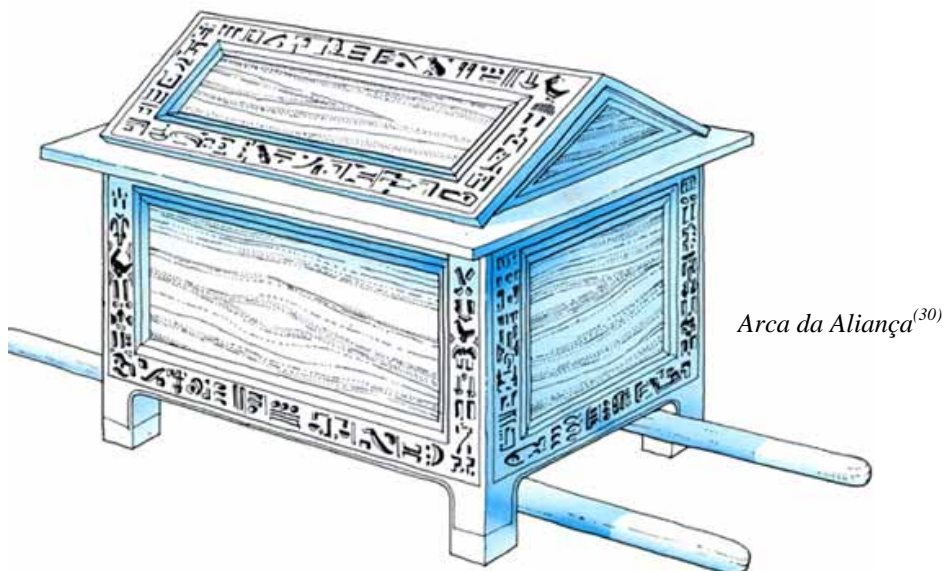
O reinado de Saul foi marcado por várias guerras de libertação que o tornaram mais forte, aumentando nas tribos o sentimento de unidade, a partir da idéia de realeza.

Davi, o sucessor de Saul, deu início ao período áureo de Israel. Davi conseguiu rapidamente uma aliança das tribos ao seu redor. E numa série de brilhantes vitórias estendeu as fronteiras de Israel. Uma das histórias mais conhecidas de Davi é sua luta com o gigante Golias. Estendendo as fronteiras de Israel, Davi reuniu todas as tribos amigas e depois, por volta de 1000 a.C., fundou Jerusalém e aí reinou o resto de sua vida.

O nome Palestina vem dos filisteus que, durante um curto espaço de tempo, controlaram a estreita faixa de terra, no fim do segundo milênio a.C., quando a conquistaram pelo mar. Os nativos derrotados eram cananeus, que viviam em fortalezas independentes e isoladas nas colinas. Por volta de 1000 a.C., os hebreus haviam conquistado tanto os filisteus como os cananeus, para formar o império do rei Davi.⁽³⁰⁾

A escolha de Jerusalém como capital foi determinada por razões religiosas e políticas. Tratava-se de contrabalançar as tendências centrífugas das tribos. A cidade murada, além de ser um excelente ponto estratégico, tinha a vantagem de não pertencer a qualquer tribo de Israel.⁽³⁾

Davi mandou levar para Jerusalém a “Arca da Aliança”, na qual, segundo a tradição, estavam guardadas as “Tábuas Sagradas”. Vestido com um “efod” de linho, uma vestimenta sacerdotal, dançou diante da arca desempenhando assim, pela primeira vez, as funções simultâneas de rei e sacerdote.



Jerusalém tornou-se uma cidade santa. Ao redor da arca cresceu uma classe de sacerdotes, ministros do culto, encarregados de officiar um rito novo na forma de sacrifício pelo fogo (Holocausto), na qual o animal queimado era oferecido à divindade como um presente.

A construção de um templo, que servia como santuário nacional, seria a consequência de obra realizada por Davi (ou David), mas esse só viria a ser construído no reinado de Salomão, filho de Davi.

Quando Davi sentiu-se velho e via que seu fim estava se aproximando chamou Salomão e recomendou “*Vou como todos empreender uma longa viagem sem volta. Sê corajoso e procede como homem. Sê fiel aos mandamentos do Senhor teu Deus e anda pelo caminho por ele traçado, obedeça as leis, observa seus preceitos conforme o que esta escrito nas leis de Moisés*”.⁽¹³⁾

O reinado de Davi foi o mais profícuo de toda a história de Israel. Não é à toa que será muito importante a descendência deste rei e talvez por esta razão, veremos mais adiante o desejo que um Messias seja da descendência de Davi.

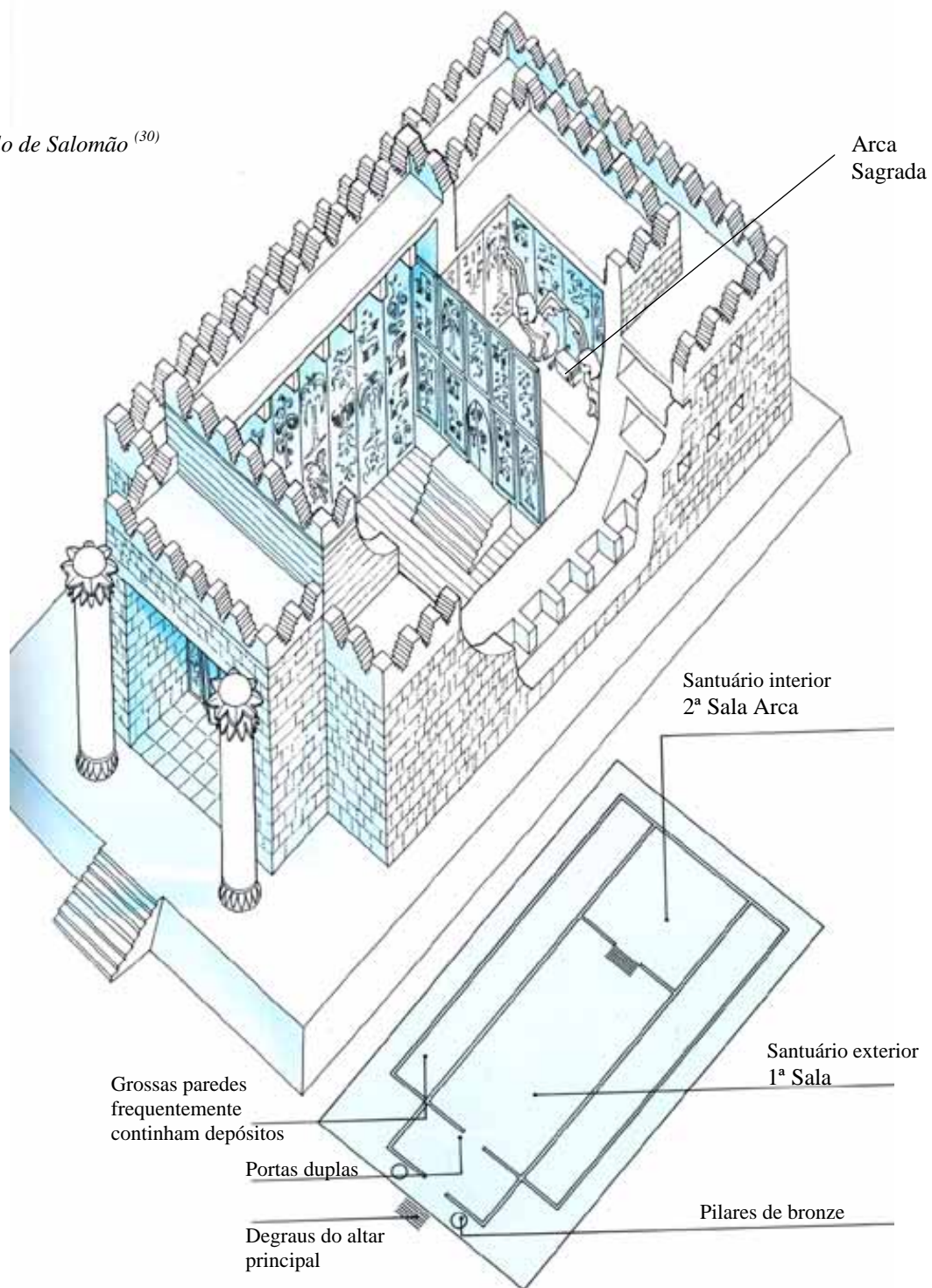
Salomão subiu ao trono de seu pai e tomou em mãos o governo do reino. No quarto ano de seu reinado Salomão construiu, em homenagem a Deus, um templo digno, velho sonho de seu pai.

O templo compunha-se de duas grandes salas, precedidas de um pilar monumental, diante do qual se levantavam duas enormes colunas de bronze. No pátio encontrava-se o altar dos Holocaustos.

A primeira sala – O Santuário

A segunda sala – Santo dos Santos – onde ficava a arca e só os sacerdotes tinham acesso.

Templo de Salomão ⁽³⁰⁾



Salomão conseguiu reunir enormes tesouros em Jerusalém, provenientes da pilhagem da exploração de minas de cobs, do comércio marítimo, da agricultura e da cobrança de impostos altíssimos. Ficou conhecido também, pela sua inteligência. Há relato de histórias demonstrando sua sabedoria, em passagens bíblicas, que o leitor poderá se reportar no capítulo – 1 Reis. ⁽³⁾

“A conduta do rei passando o tempo não era a mesma, *envolto pelo fausto e luxúria Salomão esqueceu-se de Deus e começaram a aparecer os seus adversários*”. ⁽¹²⁾

Ocorreram distorções nos antigos costumes que o povo considerava prescritos por Deus. Por consequência, aconteceram discussões que acabaram levando a rupturas na unidade nacional.

O reino foi dividido em dez tribos. Roboão, filho de Salomão, passou a reinar sobre a tribo em Jerusalém; as tribos do norte se revoltaram e o país se dividiu em dois: Ao norte, Israel, tendo a Samaria como capital e, ao sul, o reino de Judá, cuja capital era Jerusalém⁽¹¹⁾.

Vêm desta época as divergências entre judeus e samaritanos.

Esta divisão do reino de Israel é chamada de **Cisma**.



Mapa dos Reinos de Israel e Judá⁽¹¹⁾

Com a divisão do território, as forças de defesa cederam e ficaram vulneráveis a invasões.

Os Assírios invadiram, saquearam e destruíram o reino de Israel a 721a.C. Jerusalém foi invadida em 587 a.C., pela Babilônia, sob o comando de Nabucodonosor.⁽¹¹⁾

No exílio os judeus experimentaram um reavivamento religioso, pois atribuíram aos seus sofrimentos a diminuição de sua fé; e, somente uma verdadeira conversão levaria à restauração de tudo quanto fora destruído.

Quando a Pérsia invadiu a Babilônia comandada por Ciro, os judeus foram libertados e puderam retornar a seu país e reorganizar sua comunidade.

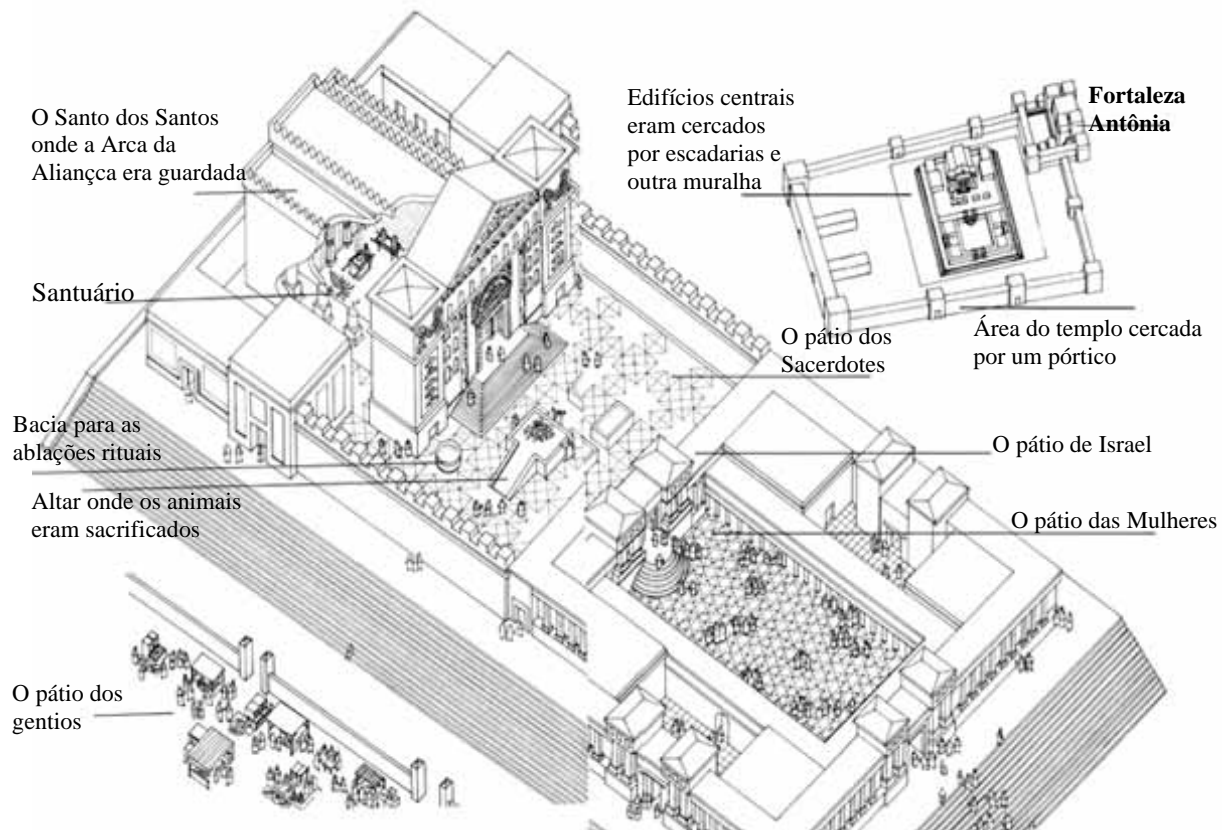
Devemos ter sempre em mente que, por mais que o judaísmo esteja presente no povo, a convivência com outra civilização, neste caso por exemplo a Babilônia, interfere nas tradições judaicas e, por vezes, veremos cultos e ritos no povo judeu que lembram os costumes babilônicos.

Alexandre, o grande, da Macedônia, conquistou a Judéia em 332 a.C. e, mais à frente, em 50 a.C., os romanos tomaram-na, intensificando-se a “diáspora” (dispersão) do povo judeu, que tinha começado com as deportações babilônicas e assírias.

Roma fez da Judéia uma província por Pompeu, que fez demolir as muralhas de Jerusalém em 39 a.C.. Posteriormente **Herodes**, “o grande”, foi nomeado rei da Judéia pelos romanos. Para ter o apoio dos judeus, Herodes manda construir o templo novamente e decora-o magnificamente.



Fortaleza de Herodes⁽¹⁴⁾



Templo construído por Herodes ⁽¹⁰⁾

O templo

O templo era dividido por pátios. O pátio externo era o “Pátio dos Gentios”, a única parte onde eram admitidos os não-judeus. Os negociantes e cambistas trabalhavam aqui e foram expulsos por Jesus.

A primeira sala era o “Pátio das Mulheres”, pois as mulheres não tinham permissão para adentrar no templo.

A Segunda sala era o “Pátio de Israel”, reservado para os judeus de sexo masculino.

A seguir, o “Pátio dos Sacerdotes” e, à frente deste, o altar onde os animais eram sacrificados.

Jerusalém nesta época era assim⁽¹⁴⁾:



Apesar da construção do templo o povo judeu continuava submisso às ordens de Roma.

“Quando um povo colonizado é impedido de participar das decisões que definem a sua própria vida, ele pode se voltar com um ânimo redobrado para as suas tradições culturais. Os ritos e as tradições religiosas passam a ter, então, uma importância especial, pois são o único aspecto da sua vida que permanece sob o seu controle. Vendo nisso uma maneira de preservar um mínimo de dignidade, os povos colonizados tendem a se prender ainda mais às normas, tradições e rituais de sua religião, como um símbolo da liberdade e da independência que possuíam no passado. Isso faz com que sejam, ainda mais sensíveis a qualquer violação destes símbolos”.⁽⁶⁾

“Reduzidos à impotência pelo poderio militar romano, voltaram-se mais uma vez para o velho sonho milenar. A salvação viria através de um líder que, apesar de ser humano e agir neste mundo, teria uma aura divina: não possuiria pecado, seria toda virtude e, apenas com o poder de suas palavras e sem recorrer à violência, colocaria Israel no comando das nações purificadas do mundo”.⁽⁶⁾

Nesta época era comum aparecerem pessoas que se diziam Messias, enviado de Deus, porém acabaram perdidos na história e Jesus permanece até o dia de hoje.

Por mais que tentemos conhecer a vida de Jesus, esta ainda é envolta em mistérios, mas tentaremos situar o leitor sobre como os judeus sobreviviam nesta época, pois acreditamos que fica mais fácil entendermos porque era muito importante ao povo judeu enquadrar “O Messias” nas profecias.

Na Época de Jesus

A Economia⁽¹⁾

- 1- A Palestina era um país essencialmente agrícola.
- 2- Na Galiléia, de terras mais verdejantes, produzia-se trigo, cevada, oliveiras, legumes, frutas, vinho.



Romã⁽¹⁴⁾



Cedros e Carvalho⁽¹⁴⁾



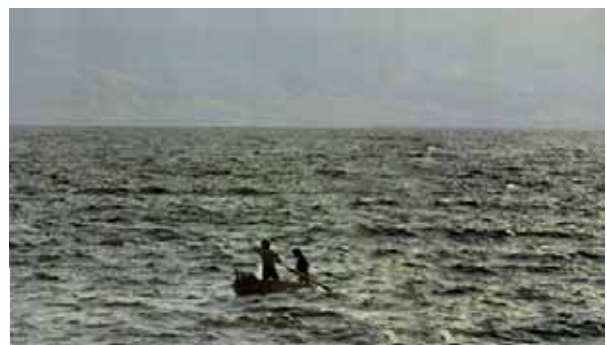
Oliveira⁽²⁴⁾

- 3- Na Judéia, de terras menos férteis, desenvolvia-se mais a pecuária: rebanhos de grande porte – gado e camelos e de pequeno porte – ovelhas e cabras.



Rebanhos de Cabra⁽¹⁴⁾

- 4- No Lago de Tiberíades, mar da Galiléia, desenvolvia-se a pesca.



Lago Tiberiade⁽¹⁴⁾

5- Nas cidades e nas aldeias havia muito artesanato: jarros, pratos, tecidos, roupas, couro, perfumes, alimentos típicos, etc.



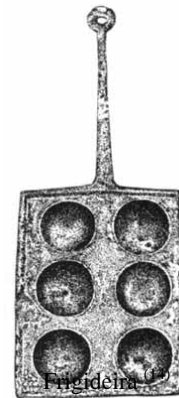
Utensílios domésticos ⁽¹⁴⁾



Artesanato ⁽¹⁴⁾



Lamparina de azeite ⁽¹⁴⁾



Frigideira

Apesar de ser uma região muito montanhosa, de difícil acesso por suas estradas ruins e pouco seguras, o comércio era intenso.

“A existência de um relevo escarpado lado a lado de bacias fluviais férteis. É esse contraste entre picos montanhosos inacessíveis e vales fecundos para a agricultura, presente em cada nação, que caracteriza os ecossistemas mediterrâneos. Ao longo de toda região, podemos encontrar comunidades independentes e igualitárias de camponeses, aldeãos e pastores espalhados pelas montanhas, enquanto nas planícies adjacentes vemos algo completamente diferente; a latifúndio, as grandes propriedades de terra e a fazenda comercial, herdeira da vila romana”. ⁽⁶⁾



Judéia ⁽¹⁴⁾



Jordão ⁽¹⁴⁾

As moedas

No comércio eram de vários países. E o câmbio funcionava assim:

- 1- Para pagar os impostos – Denário Romano
- 2- Para pagar o dízimo – Siclo – Judeu
- 3- Para o comércio com estrangeiros:
Dracma – Grega, Mirra – Fenícia.



Moedas ⁽¹⁴⁾

Os Impostos ⁽⁶⁾

Normalmente tinha-se quatro tipos de impostos diferentes a pagar:

1. O mais importante era o imposto que recaía sobre as atividades artesanais (tecelagem, carpintaria, etc). Este imposto era cobrado de todos aqueles, tanto homens como mulheres até os 60 anos e crianças, que trabalhavam por um pagamento ou lucro.
2. Imposto individual - todo cidadão dos 14 aos 60 anos, habitante de uma cidade, era cadastrado (daí a importância dos censos da época).
3. Imposto pela utilização de suprimentos e material (água, terra, etc).
4. Imposto que servia para fornecer animais sacrificiais aos templos.



Moeda Romana ⁽¹⁴⁾

Os Excluídos

As mulheres, as crianças, os excepcionais, surdos-mudos, cegos, aleijados, doentes contagiosos, pagãos e escravos eram excluídos, discriminados nas festas populares ou religiosas.

Eram marginalizados os trabalhadores que exerciam ofícios sujos e grosseiros, isto é: oleiros, “açougueiros”, etc.

“A stirpe de cada um era de domínio público, e, estava patente no próprio nome do indivíduo; tecelão ou carpinteiro apontavam para uma origem humilde. Era profundo o preconceito que as classes dominantes tinham das classes desfavorecidas; incluindo tecelão – tanto de lã (eriurgo), quanto de linho (linurgo) e carpinteiro (técton), a mesma palavra empregada para descrever Jesus nos Evangelhos de Marcos e Mateus”. ⁽⁶⁾

Excluía também os Samaritanos, por serem descendentes de população mista, devido às várias diásporas, com estrangeiros e imigrantes, sem deixar de considerar as grandes divergências político-religiosas entre judeus e samaritanos.



Samaria ⁽¹⁴⁾

A Samaria nasceu de uma cisão das doze tribos de Israel, como já descrito anteriormente.

Os samaritanos estiveram quase sempre em guerra com os reis de Judá. O antagonismo das duas nações tinha, portanto, como único princípio, a divergência de opiniões religiosas, embora suas crenças tivessem a mesma origem. ^(1,12)

Este preconceito era tão importante que, quando um judeu precisava chegar às terras depois de Samaria, ele usava a rota de estradas, contornando o território de Samaria para não entrar em terras de samaritanos.

Importante ressaltar os excluídos, pois numa passagem de Jesus, ele conversa com uma *Mulher Samaritana*, o que para os costumes da época era totalmente contraditório.

O Poder

A Palestina era dividida, nesta época, em dois territórios:

1. Judéia e Samaria

A Judéia e a Samaria tinham um procurador romano, que, na época de Jesus, era Poncio Pilatos. Ele detinha os poderes Executivo e Judiciário que foram delegados por Roma para resolver os assuntos deste território, desde que não se relacionassem com a fé judaica.



Mar Morto (nenhuma criatura sobrevive a quantidade de sal) ⁽¹⁴⁾

2. Galiléia

A Galiléia tinha um rei que era Herodes, que morava em Tiberíades. Ele era o senhor das sete províncias: Judéia, Samaria, Galiléia, Peréia, Traconites, Batanéia, Auramites como mostra o mapa a baixo.⁽²²⁾

Mapa de Israel⁽²²⁾



O Sinédrio

Seu poder restringia-se aos assuntos religiosos, ao conselho supremo da comunidade israelita.

Este tribunal em Jerusalém era composto por 71 pessoas dividida em:

- 1- Grandes sacerdotes – que moravam em luxuosos palácios
- 2- Anciãos – Chefes de grandes famílias
- 3- Escribas – intelectuais que tinham o dom da escrita.

Era tarefa do sinédrio julgar todos os casos de interferência nas leis judaicas referentes à religião, ditando todos os castigos e sentenças e só não podia decretar a pena de morte, que era contra as leis judaicas.

No dia que antecedia o Dia de Páscoa (que os judeus comemoram o êxodo do Egito), um prisioneiro ou vários, poderiam ser libertados.^(2,28) Este fato será importante quando descrevermos o julgamento de Jesus.

Na época de Jesus, três nomes do sinédrio são importantes, pois farão parte dos relatos da vida de Jesus. São eles: Zacarias, Nicodemos e José de Arimatéia.

Devido à população cada vez mais pobre economicamente e um povo, muitas vezes calado em seus anseios pela força de diversos invasores, era muito comum aparecerem falsos profetas, magos, que se diziam provedores da paz, messias, aos quais os membros do sinédrio estavam sempre a postos para averiguarem a credulidade das palavras e dos atos e julgarem segundo suas leis.

Roma

Para termos uma idéia mais clara da situação histórica da época de Jesus gostaria de ressaltar como era a repressão romana, não contando suas conquistas e seus territórios, mas mostrando um verso de Tácito demonstrando momentos de encontro decisivo com o poderoso exército romano:



Saqueadores do mundo, agora que a terra não é o bastante para as suas mãos devastadoras, eles exploram até o mar: se o inimigo possui riquezas, eles têm ganância; se ele é pobre, são ambiciosos; Oriente e Ocidente já os abarrotaram de riquezas; são o único povo da humanidade que contempla com a mesma concupiscência a fartura e a escassez. Pilham, matam, roubam, e chamam isso de império: trazem desolação e chamam isso de paz.

Os filhos e a família são, pela lei da natureza, os bens mais preciosos de um homem; eles são arrancados de nós para serem levados como escravos para terras distantes; as nossas mulheres e irmãs, mesmo quando escapam do desejo de um soldado, são violadas por pretensos amigos e hóspedes;

Nossas posses são tomadas sob a forma de tributos; nossas terras e colheitas, em requisições de suprimento, a nossa própria vida e nosso corpo são usados para derrubar florestas e pântanos, sob um coro de zombarias e pancadas.

Os escravos que já nascem no cativeiro são vendidos de uma vez por todas e são alimentados por seus senhores, pagando um preço diário pelo seu próprio cativeiro⁽⁶⁾.

O monopólio da violência, tanto na prática como em termos teóricos, residia no Império Romano.

As leis eram implacáveis com os bandidos e marginais que caíam nas mãos do Estado Romano.

A lei sancionava a pena de morte mais brutal (*a summa supplicia*) - ser crucificado, atirado à fogueira ou às feras, como selvagerias necessárias para mostrar um exemplo. A punição dos bandidos era encarada como uma forma de retribuição do Estado e, como uma espécie de terrorismo público⁽⁶⁾.

O império romano estava em pleno apogeu, dominando o mundo conhecido, a contar de Roma, sobretudo ao redor do mar Mediterrâneo, em cujo extremo leste se encontrava a Judéia, quando nasceu Jesus.

Além da força das armas, o império romano tinha a força da cultura, com os acréscimos que lhe haviam chegado do pensamento grego. Um cuidadoso canal de comunicações e de influências foi criado e se desenvolveu, facilitando o domínio. Havia uma grande “troca de favores” por “troca de poderes”.

Na Judéia, o responsável pela ordem era Pôncio Pilatos, que teve dois incidentes durante o seu governo, antes do julgamento de Jesus.

O primeiro episódio é o dos “Estandartes Militares” que, descrito por Josefo, historiador judeu, diz o seguinte⁽⁶⁾:

“Pilatos, procurador da Judéia, ao trazer as suas tropas de Cesaréia e instalá-las em Jerusalém, para passar o inverno, tomou uma atitude ousada, subvertendo os costumes dos judeus. Ele introduziu na cidade os bustos (medalhões em relevo) do imperador que ficavam pendurados nos estandartes militares, apesar da nossa lei proibir a fabricação de imagens.

Era por isso que os procuradores anteriores usavam estandartes sem ornamentos para entrar na cidade. Pilatos foi o primeiro a trazer as imagens para Jerusalém e a erguê-las em público, tudo isso sem o conhecimento do povo, pois entrou à noite”.

Tendo em mente como os judeus se apegavam à religião, foi um verdadeiro ultraje à lei judaica.

O segundo foi o do “Dinheiro do Templo”, que, descrito novamente por Josefo, diz:

“Pilatos causou um novo alvoroço ao gastar o tesouro sagrado, conhecido como Corbonas, na construção de um aqueduto”.

Estas passagens são descritas, pois uma corrente de historiadores judeus^(6,7,8), acredita que, como Pilatos soube muito bem nestes incidentes conter a revolta e a multidão, saberia também, no caso de Jesus, agir, não se intimidando com a multidão.

A grande dificuldade deste levantamento biográfico é que, por muitas vezes, os autores são tendenciosos e colocam fatos que eles acreditam, dificultando a possibilidade de levantar os dados biográficos sem paixão, de uma forma mais coerente com a razão.

De qualquer forma, a autora acha importante levantar as várias correntes de pensamento que existem.

Os Partidos

Eram ao mesmo tempo políticos e religiosos.

Os partidos da classe dominante eram os Saduceus (principalmente na Judéia) e os Herodianos, na Galiléia.

Os partidos de oposição eram três: Fariseus, Zelotes e os Essênios.

Saduceus – Eram defensores da ordem estabelecida. Eram conservadores, cooperavam com o imperialismo romano, para não serem destituídos.

Estavam nesse partido: a nobreza leiga e sacerdotal, os chefes de sacerdotes, os anciãos do sínédrio. Tinham uma política de conciliação, desde que sua vida não mudasse.^(16,21)

Herodianos - Eram partidários de Herodes. Talvez grandes funcionários de sua casa. Conservadores, favoráveis à presença dos romanos.

Essênios - Contestavam a legitimidade dos grandes sacerdotes, não freqüentavam o templo. Faziam as festas em outras datas, contestavam os fariseus que se diziam pobres, mas gostavam de dinheiro. Esperavam o fim da exploração social e uma liberdade nacional.⁽¹⁶⁾ Veneravam a Lei de Deus.

“O objetivo maior de suas vidas era tornarem-se templos do Espírito Santo, quando podiam profetizar e fazer curas milagrosas.

Observância estrita dos mandamentos, mortificando a carne e seus desejos, sendo humildes e pobres de espíritos”⁽⁵⁾.

Seu rigor crescente na imposição de seguimento das rígidas leis mosaicas, obrigaram por fim os essênios a se retirarem totalmente da sociedade judaica para formarem à parte e viverem separados do mundo, já que o contato com qualquer pessoa que não praticasse aquelas leis, ou com qualquer coisa que pertencesse a essa pessoa, tornava os essênios impuros. Este temor fez com que os essênios se abstivessem do matrimônio, já que as mulheres, de acordo com a lei, são impuras.⁽⁵⁾

Ao se separarem da nação judaica, o que quer que uma pessoa possuísse era depositado no tesouro comum, do qual as necessidades de toda a comunidade eram atendidas por igual por despenseiros nomeados pela irmandade; assim, tinham todas as coisas em comum.⁽⁵⁾

Como era contrário às leis, comprar qualquer coisa de quem não praticasse seus ensinamentos, os essênios tinham de conseguir o suprimento de todas as suas necessidades entre eles próprios. Seus alimentos e vestuário eram plantados e confeccionados na própria irmandade.⁽⁵⁾

Os essênios cultivavam a pureza do corpo e do espírito. Para isto usavam freqüentemente purificações ou banhos para limpeza, e vestes brancas de linho.⁽⁵⁾

Poderemos adquirir maiores informações sobre os essênios, através de leitura da obra de Ginsburg.⁽⁵⁾

Fariseus - A religião para eles era mais um meio de subir do que objeto de fé sincera. Tinham apenas exterioridades e ostentação de virtudes, mas com isso exerciam grande influência sobre o povo, que os viam como santos personagens.^(16,21)

Zelotes - Eram guerrilheiros. Também chamados sicários (ou sindicários), por andarem armados de uma “sica” (punhal). (Sica vem do latim *sicae* – pequena adaga), escondida debaixo da roupa. Zelotes quer dizer zeladores.

Eram nacionalistas e queriam expulsar os romanos. As autoridades romanas os consideravam criminosos e terroristas.^(2,6)

Os Zelotes, que era um movimento clandestino, começou na infância de Jesus. Cada vez ganhavam mais adeptos e se espalhavam por toda Israel. A Galiléia foi novamente o berço desses patriotas extremistas, que não cessaram suas hostilidades contra a legião romana assentada em Cesaréia e no resto da nação judia⁽²⁾.

Camuflados sob um ardente espírito religioso, estes terroristas do século I empunhavam as armas sob uma doutrina que poderia sintetizar-se nos seguintes princípios:

- 1- O Reinado de Deus sobre Israel é incompatível com qualquer jugo estrangeiro. Aceitar o César de Roma como rei é violar a lei divina. Deus é o único rei do povo.
- 2- O culto ao Imperador, em qualquer de suas formas é abominável. O zelo de muitos destes “zelotes” ia ao extremo de não tocar sequer nas moedas romanas, que levavam a efígie de César.
- 3- Os judeus não deviam esperar passivamente a chegada do Reino de Deus. Era necessário colaborar com Deus através da revolução e da guerra santa. Criam nos milagres de Deus, e consideravam que estes deviam estar sempre a serviço de uma idéia libertadora.
- 4- O objetivo principal de sua luta armada era conquistar a liberdade e a independência política de Israel. Os zelotes haviam adotado a libertação do Egito por Deus, como símbolo e modelo a ser imitado.
- 5- Segundo a "filosofia zelote", a conversão à sua fé exigia necessariamente desobediência à autoridade romana e disposição de sacrificar o dinheiro, a tranqüilidade e até a vida, em benefício destes princípios “salvadores”.

Consta que Jesus chegou a participar de reuniões com os Zelotes, que acharam que sua doutrina tinha tudo a ver com aquele movimento. Mas Jesus era avesso à violência e não aderiu a este movimento⁽²⁾.

Alguns discípulos parecem ter relacionamento com este partido como: Simão – o zelote, e Judas Iscariotes. Os zelotes foram causadores de sangrentas batalhas contra os romanos.^(2,7,21)

Nazarenos - Não se tratava de um partido político, mas de homens que, segundo a antiga lei dos judeus, faziam votos por toda a vida ou por algum tempo, de manterem-se em pureza perfeita.

Adotavam a castidade, a abstinência a bebidas alcoólicas, não cortavam os cabelos. Samuel, João Batista, José, pai de Jesus, foram nazarenos.^(6,7)

Estas resistências religiosas para Crossan⁽⁶⁾ teriam motivos claros:

“Havia três grandes motivos para a resistência religiosa e eles estavam interligados. Primeiro, havia a tentativa de retomar o poder nativo como um fim em si mesmo. Depois, havia a tentativa de retomar o poder nativo para dar um fim aos distúrbios sociais e à exploração econômica. Finalmente, havia a tentativa de retomar o poder nativo para proteger a lei e a religião.

Esta resistência foi feita possivelmente de quatro formas: a passiva, a militante, a messiânica e a proselitista. A resistência passiva envolvia um retorno a lendas arcaicas sobre os heróis mais antigos de cada povo. A resistência militante surgiu com mais força na Palestina. Ela sempre era acompanhada de uma resistência messiânica, que pregava a intervenção de um ser divino que expulsaria o invasor e, mais do que restaurar o país ao seu estado normal de independência, traria um estado idílico de paz e fertilidade. A resistência proselitista procurava convencer (ou até forçar) os infiéis a se converterem dentro da vitória messiânica”.

Era comum aparecerem “profetas, messias”, de origem humilde, o que na visão de Horsley (apud Crossan^{6,7,8}), era um indício de uma revolta popular generalizada, que levou a muitas crucificações, sendo que todas tiveram como pano de fundo intrigas dinásticas ou o exercício do poder imperial do Reino de César.

Apenas Jesus lidera um movimento de poder espiritual, oferecendo o Reino de Deus.

A Vida de Jesus

A vida de Jesus é conhecida até os dias de hoje através da Bíblia, no Novo Testamento, com os registros de Mateus, Marcos, João e Lucas.

Os evangelhos (evangelho significa Boa Nova) não são documentos uniformes. A escolha do material em cada autor reflete os seus interesses e suas intenções.⁽¹⁰⁾

É exatamente este registro “quádruplo” que constitui o problema central. Se a pessoa lê os quatro evangelhos de forma vertical e consecutivamente, do início ao fim e um depois do outro, tem uma impressão amplamente persuasiva de unidade, harmonia e concordância. Mas se os lê horizontal e comparativamente, centrando-se nesta ou naquela unidade e comparando-a ao longo de duas, três ou quatro versões, o que a impressiona vigorosamente é mais a discordância que a concordância. E essas divergências provêm dos caprichos aleatórios da memória, lembram apenas as teologias coerentes e consistentes dos textos em separado e das dificuldades da época.

Os evangelhos são, em outras palavras, interpretações. Daí naturalmente, apesar de haver um Jesus, poder haver mais de um evangelho, mais de uma interpretação.⁽⁷⁾

A história de Jesus foi sendo transmitida através de conversas e pregações públicas durante alguns anos, antes de se escreverem os evangelhos.

A língua que Jesus falava era o aramaico, apesar de conhecer o hebraico e o grego, algumas palavras aramaicas se conservam no evangelho. Mas os evangelhos foram traduzidos para o grego, havendo erros de tradução.

Três evangelhos são muito parecidos: os chamamos evangelhos sinóticos.

São eles: Mateus, Marcos e Lucas. O de João tem muita diferença dos outros três, mas foi o único evangelista que conviveu com Jesus.⁽⁷⁾

Outros evangelhos foram acessíveis neste século, como por exemplo o evangelho de Tomé, de Pedro, Evangelho-Q (documento reconstituído, conhecido como Q a partir do vocábulo alemão *Quelle*, que significa Fonte).

Há material no Vaticano ao qual só os papas tem acesso⁽⁷⁾ e outros manuscritos que ficamos na dependência de achados arqueológicos, para podermos montar este quebra cabeça milenar, que é a verdadeira biografia de Jesus.

A autora pensa ser muito interessante comentar as mais prováveis situações bem diferentes do que a maioria das pessoas aprendeu e daí, através de nossos próprios conhecimentos e sua utilização nas aulas de Infância Espírita, conhecermos um Jesus mais humano, mais próximo da realidade racional.

Dividir-se-á os tópicos mais importantes em:

1- Nascimento

2- Época

3- Local

O Nascimento

Embora a maioria das pessoas conheça aquela cena de “Anjo Gabriel” anunciando a vinda de Jesus a Maria, nós, espíritas, não acreditamos em anjo. Pode ser que isto tenha acontecido em sonho, como uma premonição, ou até Maria ter tido uma intuição, fato bastante comum nas gestantes.



Jesus foi concebido através de um relacionamento sexual, envolto por respeito, amor e intimidade entre José e Maria.

Infelizmente, muitas pessoas ainda vêem no relacionamento sexual um ato sujo, impuro, indigno da mãe de Jesus. A autora não compartilha desta idéia, lembrando sempre que nas escrituras judaicas era importante que a mãe do Messias fosse virgem, porém esta virgindade é entendida como alguém puro, sem defeitos, para receber de Deus, seu enviado, libertador de seu povo.

“As mulheres judias não tinham acesso à alfabetização, não podiam aprender as leis, só comiam depois dos homens o que sobrasse e se sobrasse. Parece que Maria se destacava das demais por ter idéias firmes e próprias, ela era muito jovem quando conheceu José, costume também da época”.⁽²²⁾



Mulheres no forno com o pão⁽¹⁴⁾

Maria descendia da casa de Davi^(2,9), o que para os judeus tem muita importância como já vimos, mas alguns historiadores colocam a descendência em José, já que as mulheres não tinham muito valor.

José era mais velho que Maria, só não se consegue precisar quantos anos, pois há autores que citam de 5 a 20 anos de diferença.^(2,22,33)

José era carpinteiro e construtor e conhecia as leis, os costumes e as práticas religiosas de seu povo como todo morador digno de Nazaré.

Herculano⁽²⁸⁾ faz um comentário sobre a origem do nome “nazareno”, dado também a Jesus e, depois, aos cristãos. Como vimos, José parece ter pertencido a seita dos nazarenos.

Kardec optou pela teoria patronímica (relativo ao pai), que figura nos Evangelhos e nas mais antigas tradições cristãs.

Guignebert (apud Kardec⁽¹⁶⁾) não aceita essa teoria, nem o voto de abstinência. Entende que a expressão Jesus Nazareno queria dizer: Jesus, o enviado de Deus ou o Santo de Deus.

Messadiè⁽²²⁾ relata que Jesus e José não moravam em Nazaré. Eram nazarenos, viveram em Cafarnaum, mas a grande maioria dos autores referidos concorda em ter sido José estudioso das leis, freqüentador assíduo da Sinagoga e ter ensinado a Jesus as escrituras.

José e Maria casaram-se dois anos depois que se conheceram^(22,33) e tiveram seu primogênito Jesus.

Tiveram ainda mais 8 (oito) filhos: Thiago, Míriam (ou Maria), José, Simão, Marta, Judas, Amós, e Rita que nasceu após a morte de José, num acidente de trabalho em Séfores, cidade vizinha de Nazaré.

Poderá ser uma surpresa para muitos leitores que Jesus tivesse irmão, porém Kardec já os mencionava no Evangelho segundo o Espiritismo, na passagem “Quem são minha mãe e meus irmãos?”⁽¹⁶⁾.

Estrela Cadente é uma forma artística de se dizer que nascia um “iluminado”, autores não relatam o fato^(6,7,8,33). Existe uma tentativa de explicar o fato pela conjunção de três planetas que, alinhados ou quase justapostos, formariam uma luminosidade maior, mas penso ser mais uma tentativa de ajustar a idéia de Jesus às profecias e fazê-lo mais um Deus do que um homem.

Os Reis Magos – também não é verdadeiro, alguns autores os colocam como pessoas iniciadas de grande sabedoria, sacerdotes caldeus^(25,32). A maioria dos autores citados não descreve esta passagem.

Os seus nomes Melchior, Gaspar e Baltazar foram dados por um escritor inglês chamado Beda, em 700d.C.(8). Enquanto as igrejas do ocidente limitam o seu número a três, as igrejas da Síria e Armênia acreditam que eram 12 os magos.⁽⁹⁾

A Época

Há muitas especulações e estimativas da época que nasceu Jesus. Alguns localizam o nascimento de Jesus entre 15 de março e 15 de abril e apenas um autor refere-se a 19 de agosto⁽²⁾, mas podemos inferir que, pela maioria dos autores, foi no primeiro semestre do ano.

Apesar de tradicionalmente o nascimento de Jesus ser comemorado em 25 de dezembro, esta data não é verdadeira historicamente.

O Natal em 25 de dezembro baseia-se numa festa pagã em reverência a Deusa Persa – MITRA.

Muitos povos pagãos também utilizaram esta data para a celebração de festa do “Sol Invicto”, significando que após a constelação de Virgem, apareceria no céu o sol invicto, pois o sol aparecia pela primeira vez no ano depois de um longo inverno.

Desta forma, aparecendo o sol, a terra estaria fértil e a colheita seria farta. Estas festas louvavam a fertilidade.

Muitas civilizações adoravam a mãe Terra como a deusa da fertilidade. No surgimento do cristianismo estas festas tornam-se proibidas e há louvores a um deus, sendo então utilizada a mesma data para festejar o nascimento de Jesus-Deus.

Segundo pesquisa de Del Chiaro⁽⁹⁾, um frade foi quem primeiro fez esta ligação da história de Jesus com a festa da Mitra, aproveitando a data que já era costume em muitos povos.

As narrativas do período do nascimento de Jesus falam de pastores com seus rebanhos pelo campo, dormindo sob um céu azul e estrelado. Estas características são das estações do ano primavera e verão, ou, no máximo, início do outono. A primavera e o verão em Israel são no primeiro semestre do ano, em dezembro é inverno na região.

Um outra questão levantada é sobre o ano de nascimento de Jesus. A maioria das pesquisas apontam que Jesus nasceu em 7 ou 6 antes da era cristã.^(2,6,7,8,18,22,32,33)

Primeiro: o ano em que Jesus nasceu não é o número 1 e depois, há um erro de um frade chamado Dionísio, ao calcular o nascimento de Jesus, que deve ter acontecido no ano 747 da fundação de Roma, quando Heródes, “o grande”, ainda estava vivo. Heródes morreu em 750 da fundação de Roma, o que determina o ano 4 a.C., no mínimo.

Segundo Josefo, o historiador judeu, sabe-se que Heródes morreu após um eclipse da lua, que ocorreu entre os dias 12 e 13 de março de 4 a.C.^(2,6,7,22,25,32,33)

Um outro dado que podemos levantar é a questão do censo. Se José e Maria foram a Belém para serem contados, o que normalmente era feito na própria aldeia e, supondo-se que eles foram até Belém, o único censo realizado foi por Sentius Saturninus, legado imperial na Palestina, de 8 a 6 a.C., pois o próximo censo, depois deste, é o de Quirino, que data do ano 7 d.C.^(2,6,7,22,25,32,33)

O Local

É muito discutido se Jesus realmente nasceu em Belém; como dito anteriormente, o cidadão não era obrigado a ir até sua cidade natal ou de seus ancestrais para o recenseamento, pois a função do censo era a de taxar os judeus para o pagamento de impostos.

A única notícia histórica desta exigência foi no ano de 103 de nossa era, quando Gaius Valérius Máximus ordenou que os cidadãos fossem à sede do município para se alistarem.

Alguns autores levantam a hipótese de ter nascido em Nazaré.^(6,7)

A divisão das grandes cidades, naquela época, era de *cidades menores*, em torno das quais giram várias *vilas*, que, por sua vez, estão cercadas por um conjunto de *aldeias*.

Os principais fatores que determinam este padrão de ocupação do espaço são o comércio, as funções locais de mercado e as funções administrativas, através dos quais as cidades servem às vilas e as vilas às aldeias. Nazaré era considerada uma aldeia e Séfores, uma pequena cidade.

Séfores era o ponto final da estrada montanhosa que saía de Jerusalém em direção ao norte, ponto de convergência de duas estradas importantes. A aldeia de Nazaré, apesar de estar pouco afastada das trilhas mais freqüentadas, não ficava muito longe, portanto, de um caminho movimentado. Para se compreender Nazaré, é preciso levar em consideração não só os seus aspectos rurais, mas também a sua relação com uma capital urbana de província.

Desta forma, podemos considerar que Jesus possa ter nascido em Nazaré mesmo. Agora, com certeza, podemos inferir que, no desenvolvimento da vida de Jesus, muito ele aprendeu com todos estes viajantes, que de vários locais por lá passaram.

Outros autores ^(9,18) discutem esta versão, alegando que Jesus não nasceu em Nazaré, pois afirmam que esta cidade não é citada em nenhum outro livro, nem no antigo testamento, só no evangelho.

“Acreditamos na hipótese de se tratar de um simbolismo, pois Nazaré parece derivar do radical *nazir*, que significa separado, consagrado, ligado ao *nazireado*, instituído por Moisés” ^(9,18).

Dos quatro evangelhos dentro do Novo Testamento, somente Mateus e Lucas apresentam algum relato do nascimento de Jesus ou de seus primeiros anos.

Havia uma necessidade religiosa de se tentar encaixar um “Messias” dentro das escrituras e muito importante para tal, que este nascesse em Belém. Mas historicamente este fato é pouco provável. Poderia ser em qualquer lugar da Galiléia, provavelmente Nazaré, mas para afirmarmos, necessitamos aguardar novas descobertas.

A Educação de Jesus

Maria, mãe de Jesus, tinha uma prima Isabel, casada com Zacarias, membro do sinédrio, cujo filho do casal, parente então de Jesus, era João Batista.

João Batista é conhecido como precursor de alguns ensinamentos de Jesus e sua história se encontra na Bíblia, no Novo Testamento.

Apesar da Bíblia referir-se a Maria sendo avisada por um anjo de que Herodes, “o grande”, enviou ordens para matar os primogênitos, alguns autores ^(2,22) admitem que este aviso a Maria partiu de Zacarias que, sendo membro do Sinédrio, saberia antecipadamente das ordens do rei.

A grande maioria dos outros autores pesquisados não acredita nesta ordem de matança dos primogênitos, mesmo sendo sabidamente conhecida a personalidade de Herodes. Os historiadores admitem que esta história é muito parecida com a de Moisés.

Nos evangelhos de Marcos e Mateus há referência de que José, Maria e Jesus fogem para o Egito, entrando em contato com uma civilização próspera e instruída e, depois de dois anos após a morte de Herodes, retornam a Israel.

Crossan^(6,7,8) não acredita que Jesus tenha ido para o Egito. Ele refere-se à possibilidade de Jesus ter continuado o seu crescimento em Nazaré.

O autor descreve com detalhes, a semelhança da morte de todos os primogênitos decretada por Herodes, com a morte dos primogênitos, no relato histórico da vida de Moisés. Levantando a possibilidade de novamente termos uma descrição mais poética do que real.

Muito provavelmente Jesus, como todas as crianças judias das classes mais pobres, foi educado pela mãe até os sete anos de idade.

“No lar, Jesus recebeu, até os seis anos de idade, lições de Maria e de José que o iniciavam no conhecimento das escrituras sagradas. Mais tarde seria estabelecido o sistema de ensino que se aprimorou no segundo século depois de Cristo, determinando a idade escolar entre 8 e 18 anos. Naquele tempo essa idade começava dois anos mais cedo. Aos seis anos Jesus foi a Sinagoga de Nazaré.

O material escolar era simples: um estilete, uma espécie de lousa escolar feita de cera e um rolo de pergaminhos com versículos dos profetas, alguns salmos e trechos do Levítico”.⁽²⁶⁾

Nesta idade passou a participar das aulas na Sinagoga, e já no início da adolescência foi-lhe ensinada a profissão de carpinteiro e construtor, por seu pai.

Os anciões, sacerdotes e doutores da lei sabatinavam os jovens, para aquilatar seus conhecimentos sobre a história e a religião dos hebreus.

Desta forma, os jovens que se sobressaíam passavam pela bênção da virilidade, que significa a apresentação do adolescente, perante a comunidade, como adulto.

Havia nesta sabatina grande interesse em se encontrar um jovem especial, que talvez pudesse ser o Messias, enviado de Deus.

É comum ser descrita esta passagem de Jesus e os doutores na Sinagoga, pois provavelmente ele tinha uma inteligência superior aos demais, o que certamente impressionou os seus sabatinadores, que prazerosamente prolongaram a sabatina, sendo registrada sua competência em aprender os ensinamentos judaicos.

Herculano Pires⁽²⁶⁾ refere-se à educação de Jesus, desenvolvida num ambiente de aspirações universais, orientadas pela fé cultural de Israel. Sua educação foi diferente da que ofereciam os sistemas educacionais da época. A Grécia educava, segundo Atenas, objetivando a formação humanista, a realização do homem ideal. Roma educava tendo por alvo a formação do cidadão. A própria Grécia com Esparta, educava visando à formação do guerreiro. Mas Jesus recebeu a educação judaica, uma preparação do homem para o serviço de Deus.

Jesus distinguiu-se de seus colegas pela capacidade de assimilar o espírito da educação judaica. Seus próprios irmãos, educados pelo mesmo sistema, pelos mesmos pais e na mesma Sinagoga, não foram além da educação formal. Até mesmo Tiago, o irmão que mais se aproximou de Jesus e que por fim o seguiu, deixou-se prender pela tradição formalista. Jesus penetrou na essência da educação judaica.

Normalmente, o período da vida de Jesus dos 13 aos 30 anos de idade, nada foi relatado, porque talvez muito pouca coisa de especial tenha ocorrido.

Existem algumas versões a serem discutidas:

Jesus ouviu os relatos de viajantes e de condutores de caravanas, que procuravam a oficina de seu pai, já que Nazaré é próxima das rotas dos viajantes, como já descrito.

Sua insaciável curiosidade causa problemas a quantos o rodeiam. Os mestres perdem a paciência com suas inquietantes e, por vezes, sacrílegas perguntas, já que Jesus questiona tudo e ele resolve sair de casa.

Podemos inferir que, sendo Jesus inteligente como seus atos mostraram, o fosse desde a infância, admitindo-se que, ao seu redor, deveria acontecer alguma repulsa e inveja por parte de muitas pessoas, principalmente daquelas que procuravam jovens inteligentes, enviados de Deus para libertá-las do jugo romano, que lutassem e aí a referência é a luta armada, o que parece ser contrária as atitudes de Jesus.

Seus inimigos vão aumentando e acusam-no de petulante, soberbo, presunçoso. A partir de um momento, Jesus começa a questionar mais e mais a sua própria identidade, pois o atormentava o fato de não ser o que queriam que fosse. E se torna cada vez mais solitário.^(2,22,36)

Após a conclusão do curso na Sinagoga de Nazaré, é costume ir até Jerusalém. A primeira Páscoa de Jesus em Jerusalém, os historiadores são concordes em imaginar que Jesus sofre uma profunda decepção ante a diversidade da lei escrita e a realidade da lei, vivenciada às portas do Templo.

Normalmente, as pessoas muito inteligentes e de idéias próprias e arrojadas para a época entram em desacordo com muitas pessoas, o que fatalmente deve ter ocorrido com Jesus, pois ele não era compreendido por sua família (fato descrito nos evangelhos), por seus amigos (que desejavam um guerreiro, visto histórico do povo judeu) e pelos doutores da lei (já que Jesus sabia as escrituras e questionava sua prática).

Para muitos historiadores Jesus sai de casa e entra efetivamente com a sua iniciação em outras sabedorias vigentes na época. É o que trataremos a seguir.

Da Adolescência ao início da Vida Pública

São muito discutíveis os caminhos percorridos por Jesus, nesta faixa de idade de sua vida. Não há muitos relatos históricos. Para Benitez, Jesus permaneceu em Nazaré⁽²⁾, outros alegam que ele esteve entre os Essênios^(5,20,36), na Índia^(10,22), na Ásia, no Egito, na Pérsia e outras regiões distantes.

Em cada lugar que passou, os relatos afirmam que seria tempo suficiente para ser iniciado em alguma irmandade, ordens e corporações existente na época.^(22,36)

Alguns preceitos são atribuídos a Jesus de uma forma unânime, são eles:

1. Deus como pai de todos
2. Todos os homens são irmãos
3. Divulgação das leis morais ao povo, já que as verdades eram ocultadas da grande maioria da população.
4. Era contra a forma de adoração exterior e pretensiosa.

Retornando a Israel, pois a maioria dos historiadores consultados admitem a hipótese de ele ter saído para conhecer outras doutrinas além do judaísmo, Jesus inicia sua pregação. Socorre doentes, orienta os mais humildes, convoca os apóstolos e dá início à sua vida pública.



Jesus reuniu 12 apóstolos que são: André, Simão Pedro, Simão-o Zelote, Bartolomeu, Tomé, Judas Iscariotes, Thiago e João Zebedeu, Filipe, Mateus, Tiago- filho de Alfeu, Judas-filho de Tiago.

Jesus rompe com os costumes vigentes na época, pois ele fala com todas as pessoas, independente de raça, cor, religião e gênero.

“A participação igual de dons espirituais e materiais, de milagre e mesa (já que Jesus era conhecido por suas curas e por comer em qualquer casa), não pode estar centrada em um lugar porque essa própria hierarquia de lugar, de aqui sobre ali, deste lugar sobre outros lugares, simbolicamente destrói o igualitarismo radical que anuncia. O igualitarismo radical nega os processos de apadrinhamento, intermediação e clientelismo, e exige a itinerância como sua simbolização programática. Esperaríamos deles que ficassem em um lugar, estabelecessem em torno deles um grupo de seguidores e que as pessoas fossem até eles. Ao contrário, vão até as pessoas e têm por assim dizer, de começar de novo a cada manhã. Mas, para Jesus, o Reino de Deus é uma comunidade de igualdade radical ou sem intermediação em que os indivíduos estão em contato direto uns com os outros e com Deus”.⁽⁷⁾

Tornou-se um rabi popular, ensinando por parábolas, usando de figuras compreensíveis aos mais simples, quando falava dos costumes e trabalhos do povo.

A respeito de sua vida íntima, nada se sabe a respeito. O cineasta Martin Scorsese tenta colocar no filme “A última tentação de Cristo” a possibilidade de Jesus ter se apaixonado por alguém, o que foi radicalmente proscrito, visto que, por vezes, ainda temos dificuldades de imaginar um Jesus homem.

Para Benites⁽²⁾, apesar de romanceado, ele coloca uma personagem feminina, de nome Rebeca, como apaixonada por Jesus, mas nada se sabe a respeito.

Provavelmente, a partir de algum momento, há um desagrado decorrente dos ensinamentos de Jesus, pois são muito revolucionários para a época e, como todo ser humano tem dificuldades para pensar no diferente Jesus, sabe que será condenado, mas nem por isso muda o rumo de seus ideais.

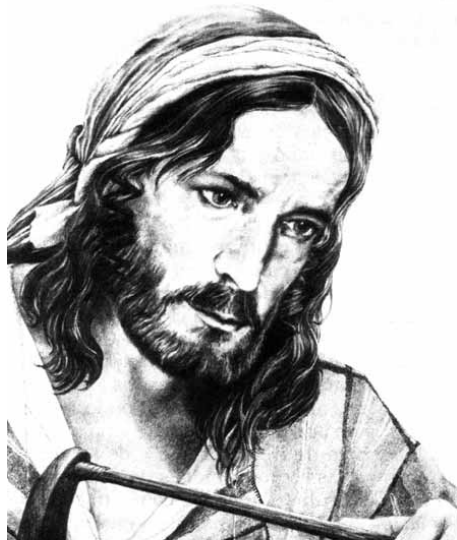
Jesus não foi entendido por muitos de sua época e até hoje não o é. Os judeus esperavam um revolucionário de homens, mas Jesus faz uma revolução de alma e certamente é combatido.

Judas Iscariotes, como muitos, o pretendia como um revolucionário e como um líder à frente de um exército, mesmo que este exército fosse sobrenatural, milagroso, que libertaria através das armas, os judeus da escravidão romana.

Judas denuncia Jesus no desejo de ver toda plenitude de poder de Jesus, mas este novamente se coloca como pleno dos Reinos dos Céus. Quando Judas percebe o erro que fez, suicida-se. É muito rico o relato da vida de Judas Iscariotes, descrito por Herculano Pires, que deve ser lido para maiores detalhes.⁽²⁸⁾

Vida Pública

Conforme descrito na introdução, este trabalho visa apenas a pesquisa bibliográfica da vida de Jesus, sem entrar na parte moral. Convido a todos que desejarem maiores informações sobre os atos morais de Jesus a pesquisarem em outras fontes, mas gostaria de continuar minha pesquisa sobre sua condenação e morte, já que estas também são envoltas por muitos detalhes desconhecidos da grande maioria de pessoas.



Condenação e Morte

A crucificação, como já vimos anteriormente, era muito difundida na antigüidade.

A principal razão para seu uso era sua eficácia supostamente suprema como dissuasão; pois era realizada publicamente e era agravada pelo fato de que, com muita freqüência, suas vítimas nunca eram enterradas, o que para os judeus era insuportável.

“Servir de alimentos para animais selvagens e pássaros predadores, desse modo sua humilhação era tornada completa. O que significava para um homem, na antigüidade, ter recusado o sepultamento e a desonra que vinha com isto, dificilmente pode ser avaliada pelo homem moderno”.⁽⁷⁾

Apesar de Crossan⁽⁸⁾, por exemplo, não acreditar que Jesus tenha sido condenado por judeus, não sei até que ponto não há uma diversidade, já que este autor é judeu, mas para todos os outros pesquisados^(9,32,33,34,35) a condenação de Jesus deve-se aos Judeus.

Os judeus eram condenados pelo Sinédrio, que era o Conselho Supremo da Comunidade Israelita, mas apenas os crimes restritos aos assuntos de ordem religiosa.

Jerusalém era uma província subordinada à administração de Roma e Pôncio Pilatos era o procurador da cidade. Ele detinha os poderes judiciário e executivo, delegados por Roma a todos os assuntos da Judéia que não se relacionassem com a fé judaica.

Jesus é acusado de corromper os costumes religiosos da época sendo, desta forma, julgado pelo Sinédrio.

O Sinédrio tem como líder superior Anás e, posteriormente Caifás (seu genro), que forjam um julgamento cheio de falhas e irregularidades legais.^(2,9,22)

O Sinédrio poderia condenar o criminoso, mas não podia imputar a pena de morte, pois não é permitida pelo judaísmo. Anás e Caifás temiam o poder de Jesus, então optaram por adicionar à acusação, que Jesus era criminoso das leis romanas, desta forma levando Jesus a um julgamento por Pilatos.

Pilatos, sabendo que Jesus era galileu, envia-o a Herodes, tetrarca da Galiléia, para julgamento.

Herodes, não querendo complicações, devolve o criminoso para ser submetido às leis romanas⁽²²⁾.

A maioria dos historiadores citados admite que este julgamento foi bastante pressionado e que Jesus deveria ser condenado antes da Páscoa, pois durante este período não era permitido crucificação.

Comumente na época da Páscoa poderia ser libertado algum preso, que, nesta ocasião, foi Barrabás, um zelote. (para maiores detalhes consultar Herculano Pires⁽²⁸⁾).

Pilatos precisava condenar Jesus à pena de morte. Nos evangelhos, podemos constatar que Pilatos não estava inclinado a aprovar a sentença. O sinédrio sentindo-se em xeque, recorre à chantagem e à ameaça de tumulto. Nenhum funcionário romano gostaria de ser responsável por problemas com uma província imperial, então Pilatos cede e condena Jesus.

Para Crossan⁽⁹⁾ isto não é verdade, pois Pilatos já tivera outros desentendimentos com os judeus, como já relatados anteriormente e poderia também ter controle sobre este fato. Porém os outros autores admitem ter sido Jesus condenado por manipulação do sinédrio.

Alguns autores acham que o sinédrio agiu desta forma por motivos religiosos, outros pensam que o motivo foi político, porque Jesus aumentava seus seguidores, terminaria com o extermínio de animais no templo, situação que rendia muito dinheiro ao sinédrio, demonstraria a corrupção vigente no Templo de Jerusalém e não aceitaria nenhum compromisso com os romanos.⁽³³⁾

Por mais que estudemos ainda há um grande mistério na vida de Jesus, mas, sem sombra de dúvida, imaginamos que pior que a dor física sofrida por Jesus durante sua condenação e morte, foi o sofrimento moral, pois durante todo este sofrimento ele esteve sozinho.

Seus discípulos dissiparam-se por medo, por ignorância, por falta de consistência no ideal pregado por Jesus.

Os ensinamentos de Jesus foram esquecidos naquele momento. Tomé partiu antes do início do drama. Simão Pedro fraquejou negando a amizade com Jesus. João o discípulo amado permaneceu junto a Jesus até o fim, mas e os outros?

As palavras de Jesus não foram entendidas e, por vezes, não o são até hoje. Apesar de muito culto Jesus não deixou nada por escrito e seus ensinamentos foram transcritos depois de muito tempo, conseqüentemente alterando seu entendimento.

Corpo de Jesus após a crucificação

Existem duas versões para o desaparecimento do corpo de Jesus da gruta:

Jesus de fato morreu na cruz e teve seu corpo levado para as propriedades de José de Arimatéia. Este, junto com Nicodemos, os dois membros do sinédrio simpatizantes da doutrina de Jesus, prepararam o corpo após sua morte e o colocaram na gruta até o seu desaparecimento.^(2,6,7,8,9,19,25,29,32,33)

2-A- Jesus não morreu na cruz; foi retirado antes da morte e roubaram o corpo do sepulcro, ajudado por José de Arimatéia e Nicodemos, ficando Jesus algum tempo em Israel, fazendo suas aparições e, depois, partindo talvez para a Inglaterra, onde José de Arimatéia tinha propriedades.^(22,36)

2-B- Jesus foi retirado da cruz vivo e fugiu para a Índia onde viveu até os setenta anos, onde existe até um túmulo inscrito: “O Grande Profeta Desconhecido” e que os indianos diziam ser “O moço Judeu”⁽²²⁾.

Neste tópico, como nos outros é muito difícil termos a certeza, porém ficamos com a maioria dos autores, acreditando que Jesus morreu crucificado.

Conclusão

Há muita falta de dados concretos, nada se pode afirmar com toda certeza.

Jesus, por mais que tentemos conhecer a sua história de vida, permanece um grande mistério.

Podemos concluir, segundo a maioria dos autores estudados que:

Jesus era um homem muito culto para sua época, sendo conhecidos os seus ensinamentos apenas em sua fase adulta.

Apesar de sua erudição não deixou nada por escrito, sendo sua vida e seus atos descritos muito tempo depois.

Desta forma muito se incrementou à sua história de vida, com fatos que deveriam fazer parte da vida de um Messias, mas nos afasta da verdadeira vida de Jesus.

Ele nasceu em 7 ou 6 a.C., filho de José e Maria, concebido pelas vias naturais, com oito irmãos.

Não se pode afirmar que ele nasceu em Belém, mais é muito pouco provável que existiram reis magos e estrelas cadentes.

Extremamente discutido se ocorreu o massacre de primogênitos e a fuga para o Egito. Esta história é muito parecida com a de Moisés e parece aproveitada para a vida de Jesus.

Provavelmente Jesus conheceu algumas das doutrinas vigentes na época, sendo iniciado em muitas delas; a grande maioria dos estudiosos cita a dos Essênios, mas não apenas esta.

Jesus foi infinitamente incompreendido e solitário em seus ensinamentos, por maior que fosse a sua tentativa de ensinar. Ele ensinou muito, mas as pessoas conseguiram entender pouco, fato que acontece até os dias de hoje.

Jesus foi considerado “ameaça” ao poder religioso de Israel, vigente na época, sendo forjado seu julgamento para que pudesse ser julgado pelas leis romanas, desta forma pegando a pena máxima.

Foi crucificado, como era costume da época e morreu na cruz.

Muitas dúvidas ainda estão por serem reveladas e muito ainda se tem para entender Jesus, o homem, porém quanto mais estudamos a figura histórica de Jesus, um homem nascido num momento de tanta rudeza social, sendo a grande maioria das pessoas analfabetas, escravas, imensamente sofridas, num momento de muitos “messias”, Jesus nasce um homem comum, num simples vilarejo, ensina balizando suas palavras com seus atos e acredita profundamente no “Reino de Deus”.

A partir do momento que tentamos entender Jesus como homem vencemos preconceitos, nos debruçamos em fatos e entendemos Jesus como um homem genial.

Sua vida permanece envolta por grandes mistérios, mas até hoje seus ensinamentos são atuais.

Na Infância Espírita

No Centro Espírita José Barroso as salas de Infância Espírita eram divididas em três níveis de alunos por divisão de faixa etária, da seguinte forma:

O Jardim – de crianças de 5 a 7 anos, o Nível I com crianças de 8 a 11 anos, e o Nível II – com crianças de 12 a 14 anos, esta divisão era de forma não rígida de acordo com a quantidade de crianças inscritas para o curso, anualmente.

Percebemos que quando o educador realizou a aula, com estes conceitos descritos no trabalho, tivemos formas de aceitação diferentes em cada classe, com as seguintes considerações por parte das crianças:

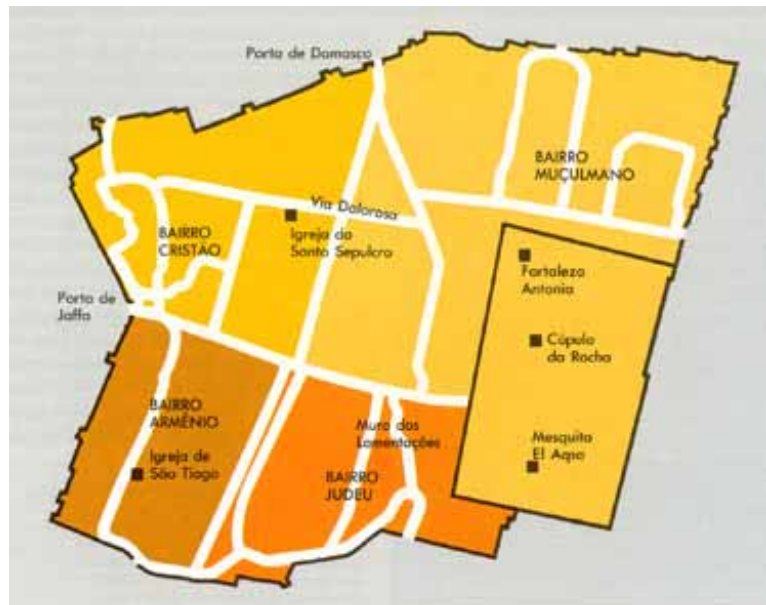
No Jardim não encontramos dificuldade. Na primeira aula foi dada a biografia de Jesus de forma simples, mas com os princípios descritos neste texto. As crianças só questionaram a época e desejaram mais informações sobre a população e a forma de comunicação utilizada, já que foi conversado que Jesus ensinava por parábolas, as crianças desejaram saber outros meios de comunicação, sendo adicionado no programa.

Foi questionada sobre a Vida de Moisés, e foi adicionado ao programa a história de Moisés.

No Nível I, a questão levantada foi o descobrimento que as crianças fizeram de perceber que aquela história se passou no mesmo planeta que eles vivem, elas não imaginavam que era a mesma Terra. Foi adicionado também o tema sobre Evolução do Planeta.

As crianças desejaram saber mais informações sobre a história do povo judeu e adicionamos ao programa os fatos históricos.

Mapa de Jerusalém atualmente ⁽²⁴⁾



No Nível II foi transmitida às crianças a biografia de Jesus e de outros vultos. Sendo que seria interessante passar estes conhecimentos aos pais, para não haverem conflitos de opiniões.

Devido à dificuldade de acharmos material didático em conformidade com os preceitos espíritas, achamos útil a introdução de figuras para que o educador, se necessário, utilize na organização de suas aulas.

Nossa proposta não é dar uma aula pronta para o educador; mais os meios para que ele se atualize, se informe, e utilize a melhor maneira de colocar estas idéias às crianças, pois cada um sabe como é sua classe, conhece cada criança, e tentará utilizar as várias formas de aplicação de aula que achar conveniente.

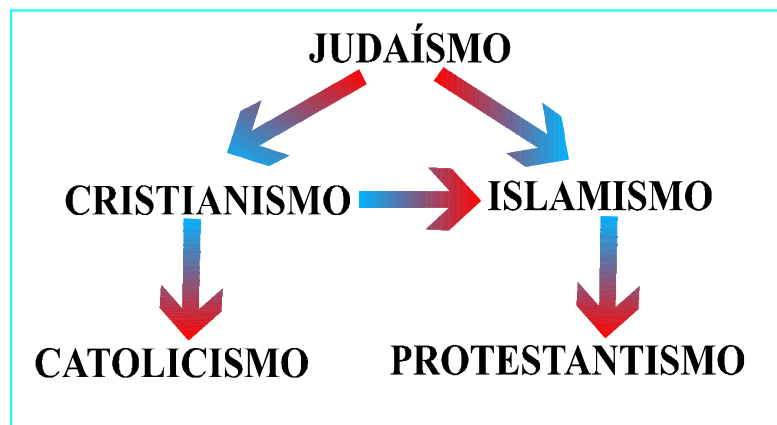
A confecção das aulas foi construída junto com as crianças.

O educador levou globo terrestre, mapas específicos para localização dos territórios Israelense e Romano e utilizou figura, cartazes, livros sobre as vestimentas, utensílios domésticos, costumes, animais, para situar a forma de vida e conversou sobre a forma de credo da população, fez paralelos com a doutrina espírita.

Apresentou vídeo sobre as civilizações e, posteriormente, sobre as parábolas.

Pensamos ser importante a localização do Judaísmo dentro das grandes religiões mundiais, onde podemos constatar que todas tiveram orientação de um Mestre, que ensinava seus conhecimentos.

O Espiritismo diferentemente é uma compilação de ensinamentos de vários “mestres” ordenados por Kardec.



Referências Bibliográficas

1. Ação Católica Operária – Jesus, sua terra, sua proposta – 1969.
2. Benitez,J.J.; Operação Cavalo de Tróia – Volumes I a V – Trad. Hermínio Tricca. Ed. Mercuryo – 1984,1986,1987,1989,1995.
3. Bíblia – Antigo e Novo Testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil. R.J.
4. Charlesworth,J.H.; Jesus dentro do Judaísmo. Ed. Imago.3ª ed.1992.
5. Christian, D. Ginsburg.: Os Essênios.Ed. Pensamento.9ª ed. 1993
6. Crossan,J,D.; O Jesus Histórico. Ed. Imago. 1994
7. Crossan, J.D.; Quem matou Jesus? Ed. Imago.1994
8. Crossan,J.D.; Uma biografia revolucionária- Jesus. Ed. Imago.1995
9. Del Chiaro, A. ; Curso dinâmico do Evangelho – resumo apresentado nos anais do V Simpósio Brasileiro Espírita. Ed. Licespe- 1997.
10. Drane,J.; Jesus: sua vida, seu Evangelho para o homem de hoje. Ed. Paulinas. 1982.
11. Enciclopédia Abril Cultural – Ed. Abril Cultural – 1972
12. Enciclopédia Delta Larousse – Ed. Desta S.A, R.J. 1967
13. Enciclopédia Larousse Cultural – Ed. Nova Cultural – Círculo do Livro – 1988.
14. Grandes Impérios e Civilizações – A Bíblia – Volumes I e II. Ed. Del Prado. 1996
15. Grandes Religiões – Ed. Abril Cultural (não é citado o ano de publicação).
16. Kardec, A.; O Evangelho segundo o Espiritismo. Trad. J. Herculano Pires. Ed.Cultural Espírita (EDICEL).1980.
17. Kardec, A.; Revista Espírita – Junho – Vol. VI – 1864.
18. Keller, A.; ...e a Bíblia tinha razão. Ed. Melhoramentos, 18ª ed. 1992.
19. Jesus Histórico – Artigo do jornal Estado de São Paulo, dia 16 de abril de 1995.
20. Laperrousaz, E.M.; Manuscritos do Mar Morto. Ed. Círculo do Livro.1961.
21. La Torre, P.A.B.; Da Sombra do Dogma à Luz da Razão. Ed. Cultural Espírita (EDICULTES), Trad. Marissol Castello Branco, Caracas, Venezuela, 1981.

22. Messadiè, G.; O Homem que se tornou Deus. Ed. Best Seller, 1988.
23. Miranda, H.C.; Cristianismo: A mensagem esquecida. Ed. O Clarim. 1ªed. 1988 .
24. Nações do Mundo – Israel – Time Life Livros. Ed. Cidade Cultural. R.J. 1987.
25. Pastorino, C.T.; Sabedoria do Evangelho – Volumes I ao V.
26. Pires, J.H.; Revista de Educação Espírita. Ano II – Outubro-Dezembro, 1972, Volume III. Ed. Cultural Espírita
27. Pires, J.H.; Revisão do Cristianismo. Ed. Paidéia, 1977.
28. Pires, J.H.; Barrabás. Ed. Cultural Espírita. 4ª ed.1981.
29. Revista VEJA – Ano 28, n.º 15-dia 12 de abril de 1995. Ed. Abril Cultural.
30. Rhymer, J.; Atlas Ilustrado do Mundo Bíblico. Ed. Melhoramentos. Círculo do Livro.1985.
31. Rochester, J.W.; O faraó Merneptah. Trad. Francisco Pires, Núcleo Espírita Caminheiros do Bem, Livraria Allan Kardec Editora. 8ª ed. 1990.
32. Rohden, H.; Jesus Nazareno – Volume I. 7ª ed. Ed. Alvorada.1982.
33. Saramago, J.; O Evangelho segundo Jesus Cristo. Companhia das Letras.1992.
34. Schurè, E.; Os grandes Iniciados – Volume 3 – Ed. Cátedra.1985
35. Schuré, E.; Jesús. La misión de Cristo. Ed. Constância. Buenos Aires. Argentina.1962.
36. Werneck, F.K.; Jesus dos 13 aos 30 anos. Ed. Eco. 10ª ed. (não há citação do ano).